

ECOLOGIA HUMANA DAS FEIRAS LIVRES: Uma abordagem sobre sociabilidades e socioambientalidades

Emille Mena Lima Menezes Rios¹

¹ Licenciada em Geografia. Especialista em Gestão Ambiental e Sustentabilidade e em Gestão Pública. Mestranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus III, Juazeiro-Bahia. E-mail: emille.menezes@gmail.com.

Adriana Maria Cunha da Silva

² Professora Dra. Permanente do Curso de Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus III, Juazeiro-Bahia. E-mail: adricunha@hotmail.com

RESUMO

As feiras livres sempre foram de grande relevância e lugar de comercialização de produtos e mercadorias diversas, desempenhando um relevante papel na economia das cidades planetárias ao longo da História, possuem uma significância cultural antiga e uma função social representativa, proporcionando distração e divertimento aos seus frequentadores. Este trabalho buscou discutir acerca das feiras livres enquanto espaço de sociabilidades e socioambientalidades e, portanto, de Ecologias Humanas. Para a sua realização foi feito, em primeiro momento, um levantamento bibliográfico em banco de dados virtuais acadêmico-científicos bem como em publicações impressas sobre os dois temas centrais: Ecologia Humana e Feiras livres. O texto está dividido em duas partes. A primeira discute sobre as definições da Ecologia Humana, seu campo de debates e pesquisas e sua conformação nos espaços das feiras livres. A segunda, debate sobre as sociabilidades e socioambientalidades das feiras livres como centro onde as Ecologias Humanas se materializam e se imaterializam. As feiras, dentro desse contexto, se conformam como palco de relações afetivas entre pessoas e delas com o meio ambiente, portanto, sendo espaços de sociabilidades e de socioambientalidades. Lugar de Ecologias Humanas e suas inter, multi, trans e pluridimensionalidades. Complexas significações e ligações que não se simplificam nas fragmentações das relações, mas se fazem como uma totalidade quando extrapolam as frágeis linhas imaginárias que contornam essas conexões.

Palavras-chave: Relações humanas. Relações homem-natureza. Ecologia Humana. Pluridimensionalidade.

ABSTRACT

Street markets have always been a relevant place for the sale of variable products, developing an important role in the cities' economy throughout history. They have an old cultural significance and a representative social role, that pro-

vides fun and entertainment to its visitors. This work aimed to discuss about the street markets as a space of sociability and socio-environment, therefore, a place of Human Ecology. To conduct this research, it was conducted a bibliographic gathering in academic-scientific databases online and also among physical publications about two main topics: Human Ecology and Street Markets. This text is divided in two parts. The first one discusses the definitions of Human Ecology, its debate fields and the way it fits in the space of the street markets. The second one debates the sociability and the socio-environment of street markets as a space where the Human Ecologies are materialized and immaterialized. The markets, in this context, are a stage for affective relations among people and between people and the environment, therefore, characterized as a space of sociability and socio-environment. A place of Human Ecology and its inter, trans and multi-dimensionality. Complex significations and connections that can't be simplified in the fragmentation of relationships, but become total when the frail imaginary lines that delineate these relations are surpassed.

Keywords: Human relations. Man-nature relations. Human Ecology. Pluridimensionality.

1 INTRODUÇÃO

A Ecologia Humana é a Ciência que estuda o homem e suas interações com a sua própria espécie, com outras e seus ecossistemas. Segundo Marques (2014), é a Ecologia que insere gente nos ecossistemas e estuda suas relações e consequências.

Dentro da área da Ecologia Humana as fronteiras entre os fenômenos ambientais e fenômenos sociais são rompidas e, por isso mesmo, fortalece a interdependências entre eles. Dentro dos limites dessa nova não-fronteira os espaços são multi e pluridimensionais, abarcando todas as relações humana-humana e humana-natural, a partir da concepção do homem como um “animal insignificante”, conforme Harari (2016, p. 11), do qual é apenas uma parte, intrínseca e indissociável, com o qual interage, do qual depende e no qual estabelece as suas relações com a sociobiodiversidade.

As feiras livres, por sua vez, além de representarem importantes relações comerciais, desempenhando um relevante papel na economia das cidades planetárias ao longo da História, possuem uma significância cultural antiga e uma função social representativa, proporcionando distração e divertimento aos seus frequentadores.

Nos espaços das feiras livres são comercializados os mais variados produtos alimentícios e de outras origens, mas, acima de tudo, estabelecem-se relações humano-humano e humano-natureza. É nos lugares das feiras livres que as sociabilidades e socioambientalidades se tecem entre convívios e conversas semanais. Encontros entre feirantes, fregueses e frequentadores que fortalecem laços e intimidades, construindo, para além das feiras, relações para a vida.

Assim sendo, é nessa dinâmica semanal de idas e vindas que as feiras conformam-se como um centro natural de vivências sociais” (BRAUDEL, 1998,). Um palco de Ecologias Humanas inter, multi, trans e pluridimensionais que enriquecem os discursos e as discussões sobre as relações humanas e humanas-naturais, e as extrapolações dos limites das linhas que contornam as totalidades e fragmentações dessas relações.

Este trabalho busca discutir acerca das feiras livres enquanto espaço de sociabilidades e socioambientalidades e, portanto, de Ecologias Humanas. Sendo a Ecologia Humana uma área de diversidades, contextos e saberes diferentes e diferenciados, parece pertinente discutir as feiras livres como espaços de Ecologias Humanas dada a relevância destas para as cidades até os dias atuais, reconhecendo-as como espaços onde as interações são multi e pluridimensionais assim como se propõe ser a Ecologia Humana.

Para a realização deste artigo foi feito um levantamento bibliográfico em banco de dados virtuais acadêmico-científicos bem como em publicações impressas sobre os dois temas centrais: Ecologia Humana e Feiras livres. Divide-se em duas partes. A primeira, cujo título é “Ecologias Humanas das Feiras Livres”, discute sobre as definições da Ecologia Humana, seu campo de debates e pesquisas e sua conformação nos espaços das feiras livres. A segunda “Feiras Livres: um centro natural da vida social, um centro de Ecologias Humanas” debate sobre as sociabilidades e socioambientalidades das feiras livres como centro onde as Ecologias Humanas se materializam e se imaterializam.

2 ECOLOGIAS HUMANAS DAS FEIRAS LIVRES

2.1 Para além das ecologias, a ecologia humana

A Ecologia Humana compreende uma ciência relativamente nova, se comparada a outras, e se ramifica num viés interdisciplinar, multidisciplinar, transdisciplinar (MACHADO, 1984) e

pluridisciplinar (PIRES, 2014), sem que existam fronteiras bem definidas pois os fenômenos ambientais e os fenômenos sociais são interdependentes.

Pires (2011, p. 3), define a ecologia humana como “uma ciência social pluridisciplinar para a abordagem privilegiada das múltiplas dependências entre os sistemas sociais e naturais, enfatizando os aspectos culturais e tecnológicos de uma gestão dos impactos ambientais suscitados pela civilização humana”.

Compõem-se como em uma rede de conhecimentos e campos de estudo ilimitados, pois a Ecologia Humana estuda os fenômenos da relação humana com o meio ambiente, conexa ao ecossistema dos saberes naturais, ultrapassando o campo da materialidade, insurgindo na atmosfera florescente dos grupos humanos e dos fatores multidimensionais da natureza (MACHADO, 1984). Uma Ecologia particularmente complexa que não pode ser compreendida se não por complexas conexões holísticas das relações humanas. Mais do que isso, uma Ecologia que trata da relação entre dois ecossistemas complexamente constituídos e da relação do humano com ele mesmo. Sendo essa última uma equivocada atenção dada às interações que os seres estabelecem com os outros e uma quase inexistente preocupação com a relação que os seres estabelecem consigo mesmos (MARQUES, 2015).

Os dois grandes ecólogos humanos pioneiros, segundo Marques (2017) são Darwin e Freud que, em épocas onde a atualmente conhecida Ecologia Humana ainda nem se confirmava como campo de estudo, tampouco como Ciência propuseram um modelo de pensamento com a finalidade de interpretar os sistemas humanos, culturais e naturais (MARQUES, 2017). Especificamente o pensamento freudiano, desde os remotos tempos, se propôs a romper com o modelo dicotômico entre homem-natureza, entre o naturalismo e as humanidades.

Esse modelo dicotômico conforma-se na (falsa) independência do homem e do meio ambiente, mais definidamente na contraproducente relação individualista do homem com o seu meio circundante, do qual depende diretamente, ao qual pertence organicamente e sem o qual a sua vida seria inviável.

Na perspectiva ecológica de Harari (2016), o homem não passa de um animal insignificante, pertencente a uma grande família de primatas, da qual preferiu se destituir, tornando-se órfão de pai e mãe, carente de primos ou irmãos. De acordo com o mesmo autor, “há apenas 6 mil-

hões de anos, uma fêmea primata teve duas filhas. Uma delas se tornou a ancestral de todos os chimpanzés; a outra é nossa avó” (HARARI, 2016, p. 13).

Essa visão de Harari extrapola qualquer limite que haja entre o natural e o humano e busca romper as barreiras impostas pelas linhas esquizofrênicas¹ que contornam profundamente os vazios das relações do humano com o humano e do humano com o natural, encontrando, a partir dessa ruptura, o “plasma” onde todos os elementos da sociobiodiversidade se reconhecem, se misturam e interagem entre si estabelecendo conjuntaras harmônicas e equivalentes.

As multiplicidades dos campos da Ecologia Humana não apenas referem-se à conexão existente entre duas grandezas, dois fenômenos, mas também na relação entre causa e efeito dessas conexões. As conexões da sociobiodiversidade são formadas pelo

processo de competição e as relações (...) de homem para homem; de grupo humano para grupo humano e de instituição para instituição, como estas se revelam por índices físicos, principalmente os de espaço...se interessa pelas relações pessoais, na medida em que estas se refletem por sua vez nas relações espaciais (Pierson, 1945, p. 12-13).

A ideia de Pierson corrobora com a de Emilio Morán (1990) quando este diz que a ecologia humana busca integrar o conhecimento sobre a diversidade de comportamentos das populações humanas com os sistemas dentro dos quais tais populações se encontram.

Afora as relações do humano com o natural, conforme Alvim (2012), a Ecologia Humana afirma-se também como uma ciência que estuda as relações humanas, individuais e coletivas com seu entorno, tornando-se um grande instrumento de reflexão e mudança de paradigma em prol da vida, ou seja, busca compreender as interações e conexões do homem com o próprio homem, sua história, suas culturas e relações cotidianas individual e coletivamente estipulada.

Os espaços instituídos das feiras livres são naturalmente palco dos encontros e das relações humanas com o meio ambiente e do humano com o humano promovendo profundamente convívios entre os semelhantes e os diferentes, seja por que prisma for, ou seja pela compartimentação. E que, quando se compartimenta, reconhece a pequenez humana em suas falhas, virtudes e vicissitudes, mas também, ambigualmente, discorre sobre a sua magnitude, pujança e majestade (Silva, 2014). Assim é o Ser em sua relação com o externo, quando se relaciona com o natural

¹ Idéia apresentada por Marques (2017) em seu livro “A Ecologia de Freud: o Mistério da Natureza Humana”.

– meio ambiente – e com o social – outro Ser – e quando se relaciona com ele mesmo – o Ser com ele mesmo. Uma completa dissociação e complementaridade do Ser que é corpo, alma e ao espírito sem os quais jamais poderia se relacionar com a natureza (MARQUES, 2015).

Inegavelmente uma Ecologia Humana de complexidades que se compartimentam mas não se simplificam e nem se diminuem, contudo, se representam material e imaterialmente igualmente nos diversos espaços das feiras livres.

3 FEIRAS LIVRES: um centro natural da vida social, um centro de ecologias humanas

As feiras desempenharam um importante papel na economia das cidades planetárias ao longo da História. Embora não se saiba exatamente quando a primeira feira livre aconteceu, desde a época medieval o surgimento dessa atividade está diretamente ligado ao aparecimento das cidades.

As feiras são fenômenos econômicos sociais muito antigos e já eram conhecidas dos Gregos e Romanos. Entre os Romanos, por causa das implicações de ordem pública que as feiras tinham, estabeleceu-se que as regras de sua criação e funcionamento dependiam da intervenção e garantia do estado. O papel das feiras tornou-se verdadeiramente importante à partir da chamada revolução comercial, ou seja, do século XI. Daí em diante, seu número foi sempre aumentando até o século XIII. (Enciclopédia Luso-Brasileira - 1995, Vol. 8 pg. 502).

As feiras livres, que possuem uma importância cultural antiga, que remonta à história mundial, no Brasil tiveram origem ibérica, trazidas de Portugal, no período da colonização (Almeida, 2009; Lucena e Cruz, 2011; Matos, 2005).

Conforme Huberman (1985), entre os séculos XV e XVIII as trocas ocorriam, principalmente, nos mercados e nas feiras, as quais, além de fornecerem mercadorias diversas para os consumidores desempenhando um papel econômico, também possuíam função social, proporcionando distração e divertimento aos seus frequentadores.

A mundialização da economia criou novas formas de trabalho e comercialização de produtos que acabaram por promover, segundo Milton Santos (1979), a marginalização (das feiras) pelo poder público, na medida em que são qualificadas como antiquadas, obsoletas e anacrônicas (Matos, 2005; Mascarenhas e Dolzani; 2008), descompassando com a nova dinâmica de mercado globalizado.

Apesar disso, a feira livre representa uma atividade comercial muito importante para os feirantes, sendo a única fonte de renda para muitas famílias. Além disso, são nos múltiplos espaços da feira livre que se observam importantes relações interpessoais, comerciais e socioambientais. Relações essas que se iniciam, reforçam, desfazem, refazem e ampliam a cada semana nesse espaço urbano por sujeitos sociais que o frequentam para realizarem suas atividades econômicas, sociais e culturais (MORAIS e ARAÚJO, 2006).

É nessa dinâmica semanal de idas e vindas que as feiras conformam-se como, naturalmente, como um centro da vida social (BRAUDEL, 1998), onde as sociabilidades se entrelaçam como em teias tecidas pelos encontros, conversas, lembranças, convívios e, porque não, ameaças, insultos e vias de fato (BRAUDEL, 1998). No espaço heterogêneo, democrático e eclético da feira livre e

Nas ruas da cidade, toda uma multidão heterogênea e variada se mistura. Sertanejos das vizinhanças, ansiosos de fazerem também sua feirazinha, acorrem à cidade nestes dias, trazendo os produtos da terra ou produtos animais para vender aos forasteiros. Aqui é uma preta que, com seu chapéu de palha, pito à boca, espera o freguês para seus doces; acolá um homem expõe objetos de indústria caseira: esteiras, cestos; outros, mais adiante, vende roupas e chapéus de couro, luvas, chibatas, e tudo se amontoa numa pitoresca desordem (SOUZA, 2011, p. 1).

A necessidade de comercialização de produtos pelo homem tomou conta de toda a história da humanidade. Sejam através de relações de compra e venda ou de escambos comumente realizados para aquisição de mercadorias, os seres humanos sempre estabeleceram vínculos socioeconômicos. Segundo Virgens (2008), as feiras apareceram devido à necessidade da existência de um lugar em que fossem congregados todos os excessos de produtos oriundos de diferentes localidades para que pudessem ser trocados por mercadorias que não se pudesse produzir. Nesse contexto afirma que a formação de excedentes de produção acredita-se ser a principal causa da origem das feiras, a partir disso, com as sobras de uns e as faltas de outros é que houve a necessidade de intercâmbio de mercadorias (VIRGENS, 2008).

Não é difícil partilhar dessa mesma idéia quando se observa a dinâmica de uma feira livre. Um grande contingente de pessoas, em determinados dias da semana, se desloca de diferentes lugares, provenientes da zona rural de distintos municípios próximos ao local de realização da feira, numa prática de convergência de mercadorias para comercialização dos seus produtos. Outras tantas pessoas também caminham em direção à feira para adquirir os alimentos que compõem as suas refeições diárias durante a semana seguinte.

As feiras nunca se apresentaram, isoladamente, de caráter econômico. As relações pessoas estabelecidas nos centros de abastecimento confirmam-se em trocas vínculos simbólicos de feirante para feirante assim como de feirante para freguês e vice versa. Geograficamente, as feiras não são apenas espaços físicos de atividade econômica, mas sim, um território instituído pelas dinâmicas sociais, independente dos locais em que estejam situadas. São reconhecidas como um território formado através das dinâmicas sociais, compostas por padrões de comportamento, conjunto de ideias, e interações sociais (VIRGENS, 2008).

São essas interações sociais que compõe as sociabilidades das feiras e garantem a esses espaços, antes reconhecidos como hegemonicamente materiais, simbolismos e valores incapazes de serem traduzidos pela racionalidade material, todavia “compreendidos como um fato histórico, que são mantidos e reproduzidos pelas relações entre pessoas e coletividades” (LELIS et al, 2017, p. 4).

Esse é o contexto de Gomes (2000) quando refere-se aos espaços de construção histórica, singulares, carregados de simbolismo e que agregam idéias e sentimentos produzidos por aqueles que o habitam, ou seja, lugares repletos de experiências, sentimentos de identidade e de pertencimento individual e coletivo.

3.1 As sociabilidades e socioambientalidades das feiras livres

A feira é um palco. Um palco, repleto de personagens que encenam, a cada dia de comercialização, o seu enredo diário. As pessoas caminham pelos espaços gentilmente cedidos pelas barracas, procurando o que desejam, examinando as mercadorias e pechinchando descontos na tentativa de adquirir o seu produto a preço mais baixo do que a *priori* determinado.

Uma marcação de ritmo no cotidiano da vida urbana. Um ritmo que fala da organização da vida cotidiana na temporalidade da semana, dos dias que passam até que novamente chegue o dia da feira e os alimentos da ‘cozinha’ possam ser repostos (VEDANA, 2004). São muitos os sons, as cores, os movimentos. Um verdadeiro vai e vem de pessoas que estabelecem as suas sociabilidades num espaço de comercialização dos mais diversos produtos e em rituais do tempo

que se expressam nas dinâmicas propostas pela feira-livre e as práticas que engendra, trazem à tona um certo arranjo coletivo de se viver na cidade que está relacionado a uma ligação da vida humana ao cosmos, ou seja, os ciclos que se expressam nesta relação com o alimento também aparecem na

periodicidade da feira durante o ano, na mudança de estações que revela uma mudança nas frutas a serem oferecidas, ou então nas táticas dos feirantes em garantir certas provisões. É a própria passagem da vida que é celerada na ambiência da feira-livre (VEDANA 2004, p. 215).

Morais e Araújo (2006) confirmam que nesses espaços das compras, vendas e permutas, das tradições, conversas e encontros, das performances corporais e orais, das cores, odores e sonoridades, bem como das transgressões, experiências e jocosidades, que se misturam e se dissolvem, inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana. Dessa maneira, a feira se institui, antes de tudo, “em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos” (MORAIS e ARAÚJO, 2006, p. 4).

As relações estabelecidas na feira são de valorização às diferenças humanas, as quais não se definem pela cor da pele, dos olhos ou dos cabelos; pelo peso ou altura do indivíduo. Tão pouco importa onde mora, a profissão que tem e o seu grau de escolaridade. Na feira, as diferenças estão relacionadas aos gostos do freguês. É possível comprar da carne fresca cortada como desejar, às verduras escolhidas “a dedo” e frutas novinhas, além de outros alimentos dos mais variados tipos.

É também nesse espaço que os consumidores podem comprar roupa, calçados, brincos, colares, e até Cd’s e DVD’s. Encontrar e conversar com o vizinho, com o feirante que, de tanto vender ao freguês, já conhece as suas preferências. Um “menorzinho” tomado às pressas ou uma dose para não perder o costume fortalecem a multiplicidade desse espaço onde os laços se formam e se reforçam semanalmente na repetição do gesto ou na encenação de um novo enredo.

Há na feira uma territorialidade estabelecida pela apropriação dos seus espaços e pelo sentimento de pertencimento de cada frequentador que se sente como “em casa” para realizar as suas escolhas e sociabilidades imbricadas nas territorialidades as quais são visibilizadas como um conjunto de apropriações, usos, discursos, olhares, polifonias e representações sobre determinados espaços, territorializados pelas ações conduzidas por grupos sociais (MORAIS e ARAÚJO, 2006).

Para além da simples comercialização, compra e venda de mercadorias, as feiras devem ser pensadas enquanto espaços de múltiplas sociabilidades e socioambientalidades, que revelam a dimensão “multi” das cidades e da relação social com a formação humana. “Feirantes e fregueses se apropriam, semanalmente, dos espaços centrais da cidade, protagonizando um espetáculo de compra, venda e permuta de variados produtos.” (MORAIS e ARAÚJO, 2006, p. 1).

A despeito da perspectiva econômica, alguns antropólogos, como Marcell Mauss (1974), Marshall Sahlins (2003) e Lévi Strauss (1974) destacaram a importância das múltiplas racionalidades nas relações de troca, principalmente, através da presença de hábitos, rotinas, sentimentos de dádiva e reciprocidade. Mas também, é o espaço da feira que se constitui “um lugar simbólico, recoberto de sentimentos, palco de diferentes representações sociais, o que propicia a manutenção e fortalecimento dos vínculos familiares e de amizade, por sua vez, essenciais à reprodução social das famílias dos feirantes (LELIS *et al*, 2017).

É essa mesma visão a do antropólogo polonês Marcel Mauss (1974) quando este coloca que nesses espaços não ocorre apenas uma simples troca de produtos, bens ou de riquezas entre indivíduos e sim entre coletividades, o que significa um contrato mais geral entre tribos, clãs e famílias.

A compreensão das feiras como um lugar de espaços sociais, de trocas, encontros e conversas diferencia-se da visão “econômica neoclássica e marxista, que aborda as relações comerciais como resultado das leis naturais do mercado ou como fruto da reprodução dos meios de produção capitalista”, no quais não só as feiras, mas também os mercados são considerados (LELIS *et al*, 2017, p. 9).

Embora o mundo moderno ofereça o conforto e a impessoalidade dos supermercados para a aquisição de produtos alimentícios, bem como produtos dos mais diversos gêneros, a feira livre ainda predomina em muitas cidades brasileiras. Porque na feira, a pessoalidade das relações aquece as compras, dando aos produtos cores e sabores diferentes, mais apurados e intensos que só conseguem provar quem pode resistir “à modernidade do ar condicionado, das lojas fechadas, das vitrines sedutoras, das propagandas sofisticadas, diluindo-se as fronteiras entre o moderno e o tradicional, o campo e a cidade” (Dantas 1996, p. 52).

Essa impessoalidade moderna, segundo os marxistas é produto da evolução do capitalismo, a partir da qual as relações econômicas e sociais se tornaram cada vez mais marcadas por relações egoístas, individualistas e competitivas para garantia da reprodução do sistema (LELIS *et al*, 2017).

Há quem levante de manhã e prefira ir tomar café da manhã na feira, porque ali se pode conversar, encontrar com os amigos e vizinhos, ou até conhecer pessoas novas. Os famosos mingaus da feira, só consegue tomar quem tem disposição de acordar cedo, pois do contrário não mais o encontram.

Em frente a ela ou espalhados por todos os lados, os carregadores caminham em busca de cliente, com seus carrinhos de mão à espera de um freguês que contratem os seus serviços para levar as compras até o carro ou em suas residências.

Uma relação infindável de produtos alimentícios dos mais diversos sabores que satisfazem os mais comuns, diferentes, exóticos e estranhos gostos dos fregueses de todas as classes sociais. Uma relação infindável de sociabilidades entre feirantes, fregueses, amigos e familiares e outra relação infindável de socioambientalidades entre humanos e natureza. Mas acima de tudo, uma relação infindável de reciprocidades materiais e sociais retribuídas por palavras, gestos, sorrisos, abraços, gentilezas, por laços de amizades e confiabilidades que fazem da retribuição uma ação simples e comum nos espaços das feiras. É impossível ir à feira e não encontrar o que procura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As feiras são, reconhecidamente, locais de comercialização de mercadorias e produtos variados há séculos, cuja relevância é notável para as cidades até os dias atuais. São espaços onde as interações são multi e pluridimensionais assim como se propõe ser a Ecologia Humana.

Frequentadas semanalmente para diferentes fins, as feiras livres são, sobremaneira, um espaço muito além das relações comerciais, mas de significações e afetividades humanas. Lugar onde se conformam as complexidades humanas, porém, contraditoriamente onde se compartimentam as conexões multifacetadas do homem com homem e deste com o meio que o circunda, se simplifica-las ou diminuí-las.

Nas feiras livres se fortalecem as sociabilidades humanas, sendo esta, portanto, palco de convívios entre diferenças e semelhanças tão complexamente conexas que extrapolam os limites das linhas que contornam as totalidades e fragmentações dessas relações. Linhas essas imaginárias e tão reais que representam material e imaterialmente, nos diversos espaços das feiras livres, a pluridimensionalidade da Ecologia Humana.

Mas também, são as feiras espaços de socioambientalidades, relações humano-natureza que, mesmo que inconscientemente, o devolve ao seu lugar de origem, enquanto Ser que é parte de um todo complexo e que, por isso, não simplifica essa totalidade, mas a divide em multidimensões e, dessa forma, o completa holisticamente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e. **Fazendo a feira**: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Montes Claros. Programa de PósGraduação em Desenvolvimento Social. Montes Claros-MG, 2009.
- ALVIM, Ronaldo Gomes. **Ecologia Humana**: da Visão Acadêmica aos Temas Atuais. Maceió: EDUFAL, 2012.
- BRAUDEL, Fernand. **Os jogos das trocas**. – vol. 2 – São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DANTAS, Eugênia Maria. **Retalhos da cidade**: revisitando Caicó. 110p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, mimeog.) – UFRN, Natal/RN, 1996.
- ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA - 1995, Vol. 8 pg. 502.
- GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 368p.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade / Yuval Noah Harari; tradução Janaína Marcoantonio. – 16. ed.- Porto Alegre, RS: L&PM, 2016. 464 p. il.
- HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. 20^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LELIS, J. L. et al. **Vínculos de sociabilidade e relações de trocas entre feirantes de Viçosa, MG**. 2017. Disponível em http://www.gerar.ufv.br/publicacoes/VINCULOS%20DE%20SOCIALIDADE%20E%20RELACOES%20DE%20TROCAS%20ENTRE%20%20FEIRANTES%20DE%20VI%C3%87OSA_MG.pdf.
- LÉVI STRAUSS, C. Introdução a obra de Marcel Mauss. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, v.2, p.01-37, 1974.
- LUCENA, Thiago Isaias Nobrega de; CRUZ, Dalcly da Silva. **Lugares que educam**: o aprendizado nas feiras livres. Revista Interle-gere, Natal, Rio Grande do Norte, n.8, p.1-13, jan/jun.2011.
- MACHADO, P. de A. **Ecologia Humana / Paulo de Almeida Machado**. – [São Paulo] : Cortez; [Brasília] : Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; [São Paulo] : Autores Associados, 1984.
- Marques, Juracy. **Ecologia do corpo: ecos da alma.**/ Juracy Marques – Petrolina: SABEH, 2015. 108 p.

_____. **A Ecologia de Freud: Os Ecossistemas da Natureza Humana**, /Juracy Marques. Petrolina/PE: Editora SABEH, 2017. 194 p.; il.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Mirian C.S; **Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea**. Ateliê Geográfico, Goiânia-GO, v.2, n.4, p.72-87, agos. 2008.

MATOS, Benedito Erivaldo de Souza. **O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do Pedregal**. Distrito Federal. (IH/GEA/UnB, Licenciatura. Geografia, 2012). Monografia, Trabalho Final em Geografia II. Universidade de Brasília. Instituto de Ciências. Departamento de Geografia. 2012, 42 p.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EDUSP, v. 2, p.37-174, 1974.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ARAÚJO, Marcos Antônio Alves de. **Territorialidades e Sociabilidade na feira livre da cidade de Caicó (RN)**. Caminhos da Geografia 244-249, fevereiro 2006. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15406> >. Acesso em 5 outubro de 2017.

MORÁN, Emílio F. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

PIERSON, Donald. **Teoria e pesquisa em Sociologia**. SP: Edições Melhoramentos, 1945. Vol. 30 da “Biblioteca de Educação”; a edição que consultei foi a 13 SOCIOLOGIAS 467 Sociologias, Porto Alegre, ano 7, nº 14, jun/dez 2005, p. 440-470 reimpressão de 1971, (a última edição do livro foi a 18 edição revista em 1981).

PIRES, Iva Miranda. **Ética e Prática da Ecologia Humana: questões introdutórias sobre a Ecologia Humana e a emergência dos riscos ambientais**. Lisboa: APENAS, 2011.

_____. Prefácio. In: **Ecologia Humana: uma visão global**. Ronaldo Gomes Alvim, Ajibola Isau Badiru e Juracy Marques (orgs.). Feira de Santana-BA: UEFS, 2014. 368 p.

SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 231p.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. (Ciências sociais).

SILVA, Glaice Pereira. Ecologia Humana. In: **Ecologias Humanas**. Juracy Marques (org.). Feira de Santana – BA: UEFS, 2014. 462p. il

SOUZA, Elza Coelho. **Feira de Gado**. In: Tipos e aspectos do Brasil. - 10ª ed. - Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011, p.172-175;

VEDANA, V. **Fazer a feira**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004. 251f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3731/000403659.pdf?sequence=1>. Acesso em 5 outubro de 2017.

VIRGENS, Silvia Catarina Araújo das. **Feira Livre de Jacobina**: o processo de transferência (1977-1985). P. 75. Trabalho de Pós-Graduação em História, Cultura e Memória Urbana – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Jacobina-Bahia.